

A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA VIDA ESCOLAR DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAPITÃO GENTIL MACHADO DE GODOY, NO MUNICÍPIO DE ALVORADA-RS

Jairo Tetelbom Seligmann¹
Magaly Ferrari²
Sinara Hinrichsen³

RESUMO

Este artigo trata da influência e importância da afetividade na relação entre professor-aluno e, conseqüentemente, do processo de aprendizagem de jovens e adultos. Desta forma, a questão a ser respondida neste estudo é: Qual a relação existente entre afetividade e aprendizagem na vida escolar de alunos jovens e adultos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy no município de Alvorada-RS? No tocante aos objetivos, o geral é verificar qual a relação existente entre afetividade e aprendizagem na vida escolar de alunos jovens e adultos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, no município de Alvorada-RS; e os específicos são: traçar o perfil socioeconômico dos alunos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy no município de Alvorada-RS, averiguar as situações do cotidiano deste contexto escolar, para averiguar a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem e compreender de que forma a afetividade pode influenciar o processo de aprendizagem. Esta pesquisa se caracteriza por ser descritiva, com uma abordagem qualitativa, realizada por meio de um questionário semiestruturado, aplicado aos estudantes e professores da referida escola. Verifica-se, assim, que tanto para alunos como professores e alunos a afetividade é um fator indispensável no sentido de contribuir efetivamente no processo de ensino-aprendizagem, pois ela facilita a aprendizagem, já que há uma interação maior entre professores e alunos, estes se sentem acolhidos e previne-se a evasão escolar.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Educação de jovens e adultos.

ABSTRACT

This current article is focused on the influence and importance of affection in the relationship between teacher-student and, consequently, the success of young and adult's learning process. Thus, the question to be answered: What is the relationship between affection and learning in the school life of young and adult students in the Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, in Alvorada-RS? Considering the objectives of this final paper, the main objective is to verify the relationship between affection and learning in the school life of young and adult students in the Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, in Alvorada-RS; and the specific objectives are: to outline a socioeconomical profile of the students of Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, in Alvorada; to verify daily situations of the school context as well as the relationship between affection an learning, in order

¹ Famaqui

² Centro Universitário Fadergs

³ Ulbra

to understand how affection can influence the learning process. This is a descriptive research, and it has a qualitative approach, that was carried out through a semi-structured questionnaire, addressed to students and teachers of the school. Therefore, we verified that both students and professors agreed that affection is essential in the learning process, since it is more effective, due to the fact that there is more interaction among students and teachers, as well as the students feel that they are warmly welcome, and prevents school dropout.

Key-words: Affection. Learning. Young and adult learners

1 INTRODUÇÃO

Um ambiente de afetividade, carinho e respeito contribui de forma mais eficiente, para a formação do ser humano, tornando sua vida mais harmoniosa com seus semelhantes. Neste sentido, é da família o papel de maior importância para a formação da personalidade da criança. Assim, o núcleo familiar afetivo contribui com a escola no crescimento individual e coletivo do educando.

Portanto, a escola que, até então tinha a finalidade de transmitir conhecimento, passa a ter um novo objetivo, qual seja, fazer com que os alunos aprendam com afetividade, atenção, carinho.

Desta forma, a questão a ser respondida neste estudo é: Qual a relação existente entre afetividade e aprendizagem na vida escolar de alunos jovens e adultos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy no município de Alvorada-RS?

Quanto aos objetivos, o geral é verificar qual a relação existente entre afetividade e aprendizagem na vida escolar de alunos jovens e adultos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, no município de Alvorada-RS; e os específicos são: traçar o perfil socioeconômico dos alunos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy no município de Alvorada-RS, averiguar as situações do cotidiano deste contexto escolar, para averiguar a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem, bem como compreender de que forma a afetividade pode influenciar o processo de aprendizagem dos alunos.

A escolha do presente tema se justifica pelo interesse dos pesquisadores em desvendar como se dão as relações de afetividade e aprendizagem entre professores e alunos dentro de espaços escolares e pela importância do tema no sentido do crescimento pessoal e intelectual destes estudantes frente às oportunidades profissionais e pessoais, presentes e futuras, evitando-se, assim, a evasão escolar.

Esta pesquisa se caracteriza por ser descritiva, com uma abordagem qualitativa, realizada por meio de um questionário semiestruturado, dirigido a alunos e professores de uma escola municipal voltada para jovens e adultos.

A fim de que os objetivos sejam alcançados, o artigo está dividido em cinco seções: na primeira, é apresentada a introdução; na segunda, o referencial teórico, focando-se nos seguintes assuntos: afetividade, aprendizagem e evasão escolar; na terceira, o foco está na metodologia; na quarta, é realizada a análise dos dados; e, na quinta, são apresentadas as considerações finais.

2 AFETIVIDADE

A palavra “afeto” vem do latim *affectur*, que significa afetar, tocar; constituindo-se como elemento básico da afetividade. Segundo Castro (2011), é qualquer estado afetivo, agradável ou penoso, ainda que vago e que se manifesta por uma descarga emocional física ou psíquica, imediata ou adiada. O afeto traduz as emoções representadas e corresponde às sensações.

Capelatto (2005) complementa a ideia acima, ao dizer que a afetividade é dinâmica, mais profunda e complexa da qual o ser humano faz parte. Surge a partir do momento em que um sujeito se liga a outro através do amor. É a mistura de todos os sentimentos: amor, ciúme, raiva, inveja, saudade; e aprender a cuidar corretamente de todas essas emoções é que vai possibilitar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Conforme Antunes (2006), a afetividade se encontra escrita na história genética da pessoa humana e se deve à evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, a sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e esta necessidade se traduz em amor.

Esse sentimento, de acordo com Piaget (1974), acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte, além de ser uma fonte geradora de potência e energia. Como assinala Rossini (2001), até os 12 anos, a vida do ser humano é extremamente afetiva e, a partir daí, o futuro adulto já tem estabelecidas as suas formas de afetividade. Ressalta o autor que a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, e também é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

Nessa perspectiva, para Cunha (2010), a afetividade é a base da vida psíquica, visto reunir todos os estados de alma, todas as razões que mergulham no instinto e no inconsciente. É graças à afetividade, segue o autor, que o ser humano se liga ao mundo, aos outros e a si mesmo. É ela que dá aos nossos atos e pensamentos o encanto, a razão de ser, o impulso vital, constituindo-se como o fundamento de nossa personalidade, ou seja, o que temos de mais íntimo.

O dicionário Aurélio (1977) conceitua o termo “afetividade” como um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sobre a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Na visão de Giancaterino (2007), os estudos de Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934) já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. Saliencia o autor que, ao estudar a criança, Henri Wallon não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva, que coexistem e atuam de forma integrada, assim o que é conquistado em um plano atinge o outro, mesmo que não se tenha consciência disso. Nessa linha, Castro (2011) menciona, por exemplo, que, ao andar, o bebê desenvolve suas dimensões motora e cognitiva, com base em um estímulo afetivo. Um olhar repressor da mãe poderia impedi-lo de aprender.

A abordagem do papel da afetividade em um contexto de desenvolvimento integral da criança e do jovem pretende, de modo geral, identificar a relação dos vínculos afetivos socialmente construídos no contexto escolar e o sucesso de uma aprendizagem mediada pelo adulto. O processo educacional não é um processo isolado, mas, constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, à aprendizagem. (GIANCATERINO, 2007).

Segundo Rodrigues (1976), os motivos humanos para aprender qualquer coisa são profundamente interiores. A criança deseja aprender, quando há em si motivos profundamente humanos que desencadeiem tais aprendizagens. Assinala-se, portanto, que a aprendizagem escolar depende, basicamente, de dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa, quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular. Se as atividades da escola forem

ao encontro dos impulsos das crianças e adolescentes para a exploração e a descoberta, se não forem entediantes e se o professor, além de falar, souber ouvir e propiciar experiências diversas, a aprendizagem, em qualquer idade, será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos para aprender são os mesmos que elas têm para viver.

2.2 APRENDIZAGEM

A aprendizagem, na visão de Campos (1987), está vinculada à história do homem, à sua construção e evolução, enquanto ser social, com capacidade de adaptação a novas situações. Já para Coelho (1999), ela envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades e potencialidades do ser humano, tanto físicas quanto mentais e afetivas. Isto significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente um processo de memorização, tampouco que emprega apenas um conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários nesse processo.

Piaget (1975) procurou mostrar quais as mudanças qualitativas passam o ser humano em seu desenvolvimento, desde o estágio inicial de uma inteligência prática na primeira infância até a estruturação do pensamento formal lógico-dedutivo, que tem seu início na adolescência. Assim, como sugere o autor, todo o conhecimento, em si, pode ser considerado um processo de construção que vai sendo elaborado desde a infância, por intermédio de interações entre o sujeito e os objetos desse conhecimento, sejam estes do mundo físico ou cultural.

Na análise da relação entre aprendizagem e afetividade, Cunha (2010) destaca que as crianças, muitas vezes, ainda não estão preparadas para o ingresso na escola, porque este ingresso representa o primeiro afastamento dela com a família. Desta forma, o afeto da professora torna-se importante, para ajudar na interação desta criança com o ambiente e o grupo. Piaget (1975) também enfatiza que, à medida que a criança vai crescendo, as crises emotivas reduzem, visto que as emoções são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, da razão. Portanto, todo o processo de educação e de aprendizagem significa a constituição de um sujeito, então a criança, seja em casa, na escola ou em qualquer lugar, está se constituindo como ser humano por meio de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento.

Palácios e Hidalgo (2004) orientam que, durante os primeiros anos da infância, o principal contexto no qual a grande maioria das crianças cresce e se desenvolve é a família. À proporção que avançam no desenvolvimento, as crianças vão tendo acesso e participando de novos contextos e, como consequência, vão aparecendo novas fontes de influência no desenvolvimento de sua personalidade. A escola e a família, afirmam os autores, se transformam, então, nos dois contextos mais influentes, voltados para a configuração da personalidade infantil. Os pais, os professores o grupo de iguais irão transformar-se nos agentes sociais mais importantes e decisivos durante esses anos.

No desenvolvimento dos processos de aprendizagem, levando em consideração os ciclos de vida, Kupfer (2005) demonstra que ocorre um processo de transição inconsciente ao substituímos os sentimentos e as experiências vividas da figura dos pais para os professores. O autor cita Sigmund Freud (1856-1939), neste sentido, ao salientar que a identificação que as crianças e também os jovens e adultos procuram na figura do professor ou outro elemento significativo no processo de aprendizagem é um referencial estimulador. Desta forma, Kupfer (2005) ressalta que, quando o professor é percebido pelo aluno como um ser de grande importância, aquele que passa a ter, em suas mãos, um poder de influência sobre o aluno.

Barros (2004), seguindo a mesma linha de raciocínio, enfatiza que uma aprendizagem eficiente é decorrente da qualidade da interação do professor-aluno e da existência de um clima afetivo entre eles. Por isso, é importante, segue o autor, a constituição de interações autênticas, nas quais um educador deve se esforçar para desenvolver a capacidade de empatia, para compreender os sentimentos do estudante e demonstrar aceitação positiva e incondicional.

Souza (1970) ressalta ainda que a escola é a continuação do lar, logo ela não pode se limitar apenas a fornecer conhecimentos conceituais, mas deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos. A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor e, por conseguinte, é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento da criança em todas as suas manifestações.

O autor segue o seu raciocínio, mostrando que, para que haja um desenvolvimento harmonioso, é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança: que é o amor. O professor, com sua responsabilidade e com o seu conhecimento, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando

as condições negativas através das experiências positivas. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer as suas dificuldades (SOUZA, 1970).

Nesse sentido, conforme o *site* Administradores (2016), a escola tem como função social “formar o cidadão”, isto é, construir conhecimentos, atitudes e valores que permitam ao estudante ouvir, pensar, analisar, questionar, opinar, entender, decidir, resolver, ser ético, solidário e participativo, o que lhe permitirá ir ao encontro de seus anseios futuros.

Contrariamente, segundo Capelatto (2012), algumas escolas preocupam-se apenas com a quantidade de informações que transmitem por meio de competição e do uso de modernas tecnologias, de forma meramente burocrática e mercadológica. Afastam-se, desta forma, do ser humano, tratando os alunos apenas como meros números. Com isso, apesar de dispor de um grande espaço, no qual os jovens passam metade do seu dia durante duzentos dias por ano, acabam por perder a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade. Nesse contexto, a escola não deve ser somente um lugar onde a aprendizagem intelectual ocorra, mas também, um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas. Desse modo, esclarece o autor, os momentos de afetividade, vividos na escola, são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de apreender.

Além disso, Barros (2004) enfatiza que a escola que tem uma atmosfera negativa em suas salas de aula gera dificuldades de produção intelectual, perda de confiança, prejuízo na criatividade e na realização das atividades. Desta forma, em qualquer contexto educacional, a valorização da autoestima dos alunos passou a ter uma relevância maior, haja vista que a baixa estima atrapalha a boa aprendizagem dos estudantes, sejam eles crianças, jovens ou adultos, podendo ocasionar a reprovação ou a evasão escolar.

2.3. EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar, conforme o dicionário Aurélio (2004), é a “saída de aluno(s) da(s) escola(s) antes do término do ano letivo ou do curso” (FERREIRA, 2004, p. 325). Para Marconatto (2009), este é um problema que abrange a maioria das escolas públicas brasileiras, por isso o tema vem sendo debatido e pesquisado

há anos, ou seja, desde a década de 1940, e, conforme cita o autor, avaliando-se, assim, a intensidade com que os alunos abandonam a escola.

Nesta linha, segundo o Censo Escolar de 2012 do Instituto Nacional dos Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC, 2012), 14% dos estudantes de escolas públicas que terminam o Ensino Fundamental obrigatório não chegam a se matricular no Ensino Médio, e dos que se matriculam 18% não concluem os estudos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2012).

Medeiros (1986) destaca que o aluno que trabalha sente mais claramente a distância que existe entre a sua vida real e o seu papel de aluno, o que também contribui para afastá-la da escola. Na realidade, a escola pública de periferia, apesar de aparentemente aberta a todos, nega, em sua prática, a própria condição de trabalhador, que é definidora da maioria de seus alunos.

Queiroz (2002) ratifica essa ideia, ao propor que, mediante pesquisas já realizadas, são identificadas algumas causas para a evasão escolar, entre elas: a desestrutura familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem que, com isto, eximam a responsabilidade da escola no processo de exclusão dos alunos do sistema educacional. Soares (2007) aponta algumas razões para o referido fenômeno: alguns alunos param de estudar, porque precisam trabalhar ou ajudar a família; outros porque se aborrecem na sala de aula, por não compreenderem a tarefa que devem cumprir; e a maioria, talvez, porque não tenha encontrado apoio suficiente no período escolar nem de sua família, nem de seus professores, nem de si próprios.

Segundo Coelho (1999), jovens, vindos de famílias pobres, são, em geral, os que têm menos êxito se avaliados através dos procedimentos convencionais de medidas. Nesse sentido, Marconatto (2009) assinala o fato, amplamente reconhecido, de que as crianças e os jovens pobres são os que mais repetem e abandonam a escola. Também, os índices de reprovação escolar no Brasil são preocupantes, pois, de acordo com as estatísticas divulgadas pelo Censo Escolar de 2011, a média nacional de estudantes que repete uma das séries do Ensino Médio na escola pública é de 14,1%, enquanto, na escola particular, a dos reprovados é de 6,1% (CENSO ESCOLAR, 2011).

Soares (2008) explica que é fundamental compreender que estes jovens, por morarem nas periferias dos grandes centros urbanos do Brasil, vivem em um ambiente de muita violência. Em termos médios, a vítima de homicídio no Brasil

mora nesses centros urbanos, é homem, preto ou pardo, tem entre 15 e 24 anos, baixa escolaridade, foi ferido por arma de fogo leve e morreu em via pública. Tomando a variável “escolaridade” como *proxy* de renda, é possível inferir que as vítimas são, na maioria, oriundas de classes de baixo *status* socioeconômico.

4 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa descritiva, com uma abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva, conforme Gil (2008), tem como objetivo descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, e uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Por exemplo, são pesquisas referentes à idade, sexo, procedência, eleição etc. Marconi e Lakatos (2004) confirmam este conceito, ao afirmarem que o estudo descritivo pretende descrever, com exatidão, os fatos e fenômenos de determinada realidade, de modo a ser utilizado, quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, as suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

Quanto à pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg (1997), esta não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Gil (2008) segue nesta mesma rota, afirmando que a pesquisa qualitativa tem como foco o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos de determinadas situações.

No tocante ao instrumento de pesquisa, foi realizada uma entrevista, por meio de um questionário semiestruturado, dirigido aos alunos da Escola Municipal Gentil Machado Godoy (Apêndice A) e professores (Apêndice B) deste mesmo estabelecimento, buscando-se averiguar as relações de afeto entre professores e alunos e as influências deste sentimento no processo de aprendizagem.

Foram entrevistados seis (06) alunos das totalidades finais do Educação de Jovens e Adultos (EJA) e três (03) professores da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy. A escola está localizada na Rua Georgete de Godoy, 418, no bairro Tijuca, na cidade de Alvorada. Foi criada em 28 de maio de 1957, com o nome de grupo escolar Emílio Meyer, sediada no lugar denominado “Passo da Figueira.” Passou a chamar-se Capitão Gentil Machado de Godoy por meio do ato decretado pelo senhor Carlos Pinto Mennet. Nos turnos da manhã e tarde, funcionam turmas 1º ano ao 9ª ano do Ensino Fundamental, à noite, o Serviço de Educação para Jovens e Adultos (SEJA), com as totalidades iniciais e finais. A escola acolhe, aproximadamente, 1260 alunos nos três turnos: manhã, tarde e noite. Os projetos desenvolvidos são: Feira das Ciências, Hora do Conto, Horta, Torneios Esportivos, Projeto Adolescer, Rádio Escola, Projeto Mais Educação, Projeto Dias Melhores Violão, Feira do Livro, Festival de Dança Gentil, Festas de Confraternização (Junina, Família, Primavera, Natal) e Feira das Nações. Enfim, buscou-se construir, de forma participativa, uma escola, na qual o aluno se sinta à vontade, e o aprender seja prazeroso.

A fim de examinar os dados, utilizou-se a análise de conteúdo que, de acordo Bardin (2006, p. 38), consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

4 ANÁLISE DE DADOS

São analisadas, a seguir, as respostas dos alunos e dos professores entrevistados por meio de questionários específicos (Apêndice A e Apêndice B). Tendo em vista um dos objetivos específicos traçados que é compreender de que forma a afetividade pode influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, apresentam-se as respostas dos alunos e dos professores entrevistados.

4.1 ALUNOS

Como objetivos desta pesquisa estabeleceu-se traçar o perfil socioeconômico dos alunos pesquisados na Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, no município de Alvorada-RS, averiguar as situações do cotidiano deste contexto

escolar, para entender a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem apresentados a seguir.

Primeiro, foi levantada a idade destes alunos, e percebeu-se que estes se encontram na faixa etária de 17 a 23 anos. Quanto ao perfil socioeconômico dos alunos, que compreende cinco (05) indicadores, constata-se que, do total dos seis pesquisados, cinco confirmaram que a renda de suas famílias é de até três (03) salários mínimos, portanto a maioria; e somente um tem uma renda familiar de três a cinco salários mínimos. O segundo indicador refere-se à situação da residência da família. Através das respostas para este questionamento, identifica-se que quatro entrevistados afirmaram que a casa em que residem é alugada, e os restantes sinalizam que a casa da família é emprestada ou cedida. No terceiro indicador, questiona-se acerca do número de pessoas que residem na casa, e verifica-se, com maior incidência, que quatro pessoas ou mais pessoas ali habitam. No quarto indicador, é medido o grau de escolaridade dos pais dos alunos, e, dos seis entrevistados, quatro informaram que os seus pais possuem o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série. O quinto indicador buscou determinar qual a ocupação/trabalho destes mesmos pais, e a maior incidência de ocupação profissional é distribuída entre as atividades de limpeza e faxina das mães e em obras (construção) dos pais.

Por meio destes dados, é possível traçar um perfil socioeconômico dos alunos da escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, o qual se caracteriza por famílias de baixa renda e escolaridade, não ter acesso à casa própria, com um número elevado de pessoas que moram juntas na mesma residência, cujos pais desenvolvem atividades profissionais de baixa qualificação, entre elas, faxina, limpeza e serviços em obras.

Coelho (1999) orienta, neste sentido, que jovens, vindos de famílias pobres, são, em geral, os que têm menos êxito se avaliados através dos procedimentos convencionais de medidas. Marconatto (2009) segue, assinalando como fato amplamente reconhecido que crianças e jovens pobres são as que mais repetem e abandonam a escola. Soares (2007) também argumenta que alguns alunos precisam trabalhar ou ajudar a família financeiramente, o que dificulta seu processo de aprendizagem na escola.

Apresentamos, a seguir, a segunda parte da pesquisa efetuada aos alunos, visando a averiguar as situações do cotidiano deste contexto escolar, para identificar a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem.

A primeira questiona se os alunos gostam de seus professores/as, e todos os respondentes destacam que sim, com exceção de um, ao dizer que há um professor que fala pouco com eles, ou seja, não dá a atenção que eles tanto precisam, pois a grande maioria desses jovens é invisível para a sociedade.

A segunda questão pergunta se, da forma como a professor/a ensina, ele consegue aprender. Os alunos destacam que, mesmo tendo muita dificuldade em aprender, os professores/as têm paciência em ensiná-los, já que conversam bastante com eles, dão conselhos, os ajudam muito. Relatam ainda que alguns professores têm mais facilidade de ensinar e *“nós aprendemos, com outros já não consigo entender muito bem”*.

Na terceira questão, é indagado aos alunos como é a sua relação com os professores/as. Através das respostas, é possível perceber que todos gostam de seus professores/as, principalmente, porque estes (as) conversam bastante com eles, dão conselhos, atenção e alguns assistem a filmes juntos, tocam violão e jogam futebol com eles.

As respostas das duas questões acima enaltecem a importância da figura do educador na relação de aprendizagem com seus alunos, pois, conforme Capelatto (2012), a escola não deve ser só um lugar onde acontece a aprendizagem intelectual, mas, sim, um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas. Assim, os momentos de afetividade, vividos na escola, são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de apreender.

Barros (2004) sugere que uma aprendizagem eficiente é decorrente da qualidade da interação professor-aluno e da existência de um clima afetivo entre eles, na qual um educador se esforça para desenvolver a capacidade de empatia, para compreender os sentimentos do estudante e demonstrar aceitação positiva e incondicional dos alunos.

A quarta questão objetiva averiguar como é o relacionamento destes alunos pesquisados com seus colegas de classe. Nas respostas, fica evidenciado que fatores externos influenciam o seu relacionamento com os demais colegas, visto que o bairro onde residem ser muito violento, portanto tentam “ficar na sua”, evitando

brigas que podem se estender na vila. Comentam que tentam “*se dar bem com todos*”, evitando, assim, confusões. Em termos médios, esses alunos moram na periferia, e, conforme Soares (2008), eles têm entre 15 e 24 anos, baixa escolaridade e status econômico e vivem em um ambiente onde a violência impera.

A quinta questão tem como objetivo averiguar se os alunos acreditam que a escola pode lhes ajudar a progredir, ou seja, crescer na vida. Todos reforçam que, sem estudo, não têm trabalho, emprego e melhores oportunidades profissionais. Para o *site* Administradores (2016), a escola tem como função social “formar o cidadão”, isto é, construir conhecimentos, atitudes e valores que permitam ao estudante ouvir, pensar, analisar, questionar, opinar, entender, decidir, resolver, ser ético, solidário e participativo, o que lhe permitirá ir ao encontro aos seus anseios futuros.

A última questão indaga qual é a relação destes com suas famílias. Percebe-se pelas respostas que eles vivem com os pais, mães, irmãos, avós e cunhadas, com seus filhos. Dois dos pesquisados relatam que os seus pais estão presos, e outro salienta que os pais brigam muito. Pode-se compreender esta situação, através da análise de Queiroz (2002), que comenta que a desestrutura familiar é uma das razões das dificuldades de aprendizagem dos alunos, como também um dos fatores de evasão escolar.

4.1 PROFESSORES

Com vistas a responder à questão um, que indaga aos professores o que é afeto, as respostas se assemelham, já que todos os entrevistados destacam que significa uma relação que se consegue estabelecer com o outro, de carinho, respeito, afeto, ou seja, entre professor e aluno.

Quanto à questão dois, que aborda em quais momentos o profissional percebe que há trocas de afetividade entre ele e o seu aluno, a resposta de uma professora mostra que isto ocorre quando o aluno se mostra receptivo, gerando uma troca de saberes eficaz, enquanto as outras professoras enfatizam que a troca de afetividade ocorre em qualquer momento, pelo fato de perceberem que, como o aluno é muito

carente, principalmente em casa, então é na escola que encontram um olhar diferenciado. Como ressalta Cury (2003, p.97), “por trás de cada aluno arredo e agressivo, há um aluno que precisa de afeto”.

Na questão 3, é perguntado aos professores se podem existir relações entre afetividade e aprendizagem, sendo solicitado a citação de exemplo. As respostas conduzem a um sentimento comum, que é o sim. Uma das entrevistadas salienta que sim, quando o professor consegue transmitir a importância dos conteúdos para o crescimento pessoal do aluno, isso fará a aprendizagem se tornar significativa, e o aluno consegue perceber e aprender. Já outra professora informa que a aprendizagem é muito mais eficaz, quando existe afinidade entre o professor e os seus alunos. Assim, por exemplo, se o aluno não tem afinidade com seu professor, adquirir e entender o que está sendo transmitido se torna mais difícil.

Na questão 4, é indagado se os entrevistados acreditam que, em algumas situações, as questões afetivas não contribuem para a aprendizagem. Nessa questão, as respostas têm um mesmo sentido, qual seja, os professores refutam esta ideia, enfatizando que, em qualquer situação, onde houver carinho, respeito haverá uma aprendizagem efetiva, pois o aluno sentirá prazer em aprender em um ambiente no qual afetividade está presente, pois se estabelece um vínculo, maior motivação, bem como desejo de aprender.

Na última questão, a quinta, é perguntado aos professores se eles acreditam que, em algumas situações, as questões afetivas podem auxiliar na aprendizagem e de que forma. As respostas são semelhantes e confirmam esta ideia, porque, quando conseguimos promover prazer na aprendizagem, ou seja, com carinho, respeito, motivação, ela ocorre, mesmo que aluno tenha muitas dificuldades pessoais na aquisição desta. Uma resposta marcante foi a de uma professora, ao dizer que o afeto pode auxiliar na aprendizagem, a partir do momento em que gera confiança.

Estas questões, acima apresentadas, que indagam aos professores sobre a validade da afetividade como fator influenciador na relação da aprendizagem dos alunos, reforçam o pensamento de Giancaterino, (2007), ao ressaltar que a afetividade, em um contexto de desenvolvimento integral da criança e do jovem, é fundamental, porque os vínculos afetivos, construídos no contexto escolar, estão intimamente relacionados ao sucesso de uma aprendizagem mediada pelo adulto. Segundo o autor, o processo educacional não pode ser considerado algo isolado,

mas, sim, uma construção que se dá na interação de professores e alunos, na qual se forma um vínculo afetivo, o qual facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Em sentido congênere, Kupfer (2005) complementa, orientando que, quando o professor é percebido pelo aluno como um ser de grande importância, passa, assim, a ter um papel muito importante na vida de seus alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi averiguar qual a relação existente entre afetividade e aprendizagem na vida escolar de jovens e adultos da Escola Municipal Capitão Gentil Machado de Godoy, no município de Alvorada-RS.

Quanto ao perfil socioeconômico, por meio dos dados levantados, verifica-se que são jovens de periferia do bairro Tijuca, no município de Alvorada, com renda e escolaridade baixa, pais sem qualificação profissional e carência de uma moradia própria. Desta forma, percebe-se que pertencem a um contexto com problemas sociais e financeiros.

No tocante à indagação sobre como afetividade pode influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, as respostas dos professores ratificam que, quando se consegue promover prazer na aprendizagem, na qual haja carinho e respeito, a motivação para a aprendizagem acontece, mesmo o aluno tendo muita dificuldade pessoal na aquisição desta. Os alunos também apontam que conseguem aprender melhor quando os professores olham para eles de forma particular, quando os ouvem, dão conselhos e participam de atividades juntos.

Sendo assim, percebe-se que, para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive, o afeto é um elemento essencial em todas as idades e contextos. Entretanto, especificamente neste, onde há muitas carências, tanto econômicas quanto de afetividade, esta passa a ter um papel fundamental, porque esses alunos, para aprender, precisam que os professores olhem para os seus alunos de forma especial e que os façam sair da invisibilidade na qual a sociedade os colocou, para que possam criar sonhos, agir para atingi-los e serem pessoas realizadas pessoal e profissionalmente.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRADORES. Disponível em:

<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/educacao-a-escola-e-o-mercado-de-trabalho/26372/>. Acesso em 11/12/2016

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARROS, Célia G. Silva. **Pontos de psicologia escolar**. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAPELATTO, Ivan Roberto. **Educação com afetividade**. São Paulo: Fundação Educar, 2012

COELHO, M. T; JOSÉ, E. A. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1999.

CASTRO, E. **Afetividades e limites** – uma parceria entre a família e a escola. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

CUNHA, Antonio Eugenio. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 10 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. FNDE/PNLD, 2004.

GIANCATERINO, R. **Escola, professor, aluno**. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDEBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DOS ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (INEP/MEC).

Censo Escolar da Educação básica 2012: resumo técnico. Disponível em: .
http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2012.pdf... Acesso em: 20 nov.2016.

KUPFER, Maria C. **Freud e a Educação**: o mestre do impossível: São Paulo, Scipione, 2005.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONATTO, João. **A evasão escolar no Curso de Técnico Agrícola na modalidade de EJA da EAF Rio do Sul - SC**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro. 2009

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDEIROS, Lígia. **A Criança da favela e a sua visão do mundo**: uma contribuição para o repensar da escola. São Paulo: Dois Pontos Editora Ltda., 1986.

PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. 2. ed. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 252-267.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo e da criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre evasão escolar**: para se pensar na inclusão escolar, em reunião anual da ANPED. XXV outubro de 2002, em Caxambu (MG). Anais da XXV Reunião Anual da ANPED. [Consult. 07-12-2016]. Disponível em: www.anped.org.br/reunião. Acesso em: 4 nov. 2016.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.

ROSSINI, SHANCHES, Maria A. Shanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Não matarás**: Desenvolvimento, Desigualdade e Homicídios. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

SOARES, Leôncio. O educador de jovens e adultos e sua formação. **Educação em Revista**, nº 77. Junho de 2007. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia**: a aprendizagem e seus problemas. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

APÊNDICE A – Questionário para alunos – relativo a dados socioeconômicos e afetividade.

Idade:

1 Qual a renda de sua família em salários mínimos?

Até 03 salários mínimos De 03 até 05 salários mínimos

de 05 até 08 salários mínimos Superior a 08 salários mínimos

Benefício social governamental ? Qual? _____ valor atual:

2 A casa em que sua família reside é:

Empréstada ou cedida.

Própria em pagamento. (valor da prestação: R\$ _____)

Alugada: (valor do aluguel: R\$ _____)

Própria já quitada.

3 Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)

Duas pessoas Três pessoas Quatro pessoas Cinco pessoas Seis pessoas Mais de 6 pessoas Moro sozinho

4 Qual o grau de escolaridade do seu pai?

Nenhuma escolaridade Ensino Fundamental: da 1^a. à 4^a. série.

Ensino Fundamental: da 5^a à 8^a série. Ensino Médio. Ensino Superior.

5 Qual a ocupação/trabalho de seu pai/mãe? Especifique.

1 Você gosta de sua professora?

2 Do jeito que a sua professora ensina você consegue aprender?

3 Como é a sua relação com a professora?

4 Como é o seu relacionamento com os seus colegas de classe?

5 Você acredita que a escola pode lhe ajudar a progredir (crescer na vida) ?

6 Qual é a sua relação com a sua família?

APÊNDICE B - Questionário para os professores

1 Para você, o que é afeto?

2 Em quais momentos percebe que há trocas de afetividade entre você e o seu aluno?

3 Para você, podem existir relações entre afetividade e aprendizagem? Cite exemplos?

4 Você acredita que, em algumas situações, as questões afetivas não contribuem para a aprendizagem? Explique?

5 Você acredita que, em algumas situações, as questões afetivas podem auxiliar na aprendizagem? De que forma?